

Brasil e EUA: o jogo da margarida

29 NOV 1992

O GLOBO

JOSÉ SARNEY

Está na hora de o Brasil reciclar suas relações com os Estados Unidos. A mudança de governo abre horizontes, lá e cá, para uma avaliação do que fizemos, nós e eles, de bom e de errado.

O mundo mudou profundamente. Não podemos desconhecer que estas modificações deram à grande nação americana uma posição inédita na História mundial: ela é hoje a única superpotência, enfeitando poderes políticos, econômicos, militares, científicos, tecnológicos e culturais, em conjunto e separadamente, como jamais registrou nenhuma nação na História da humanidade. Não podemos prescindir de uma estreita relação que nos assegure uma faixa de participação no novo mapa do poder mundial. Atualmente, a visão para conosco é de indiferença e esquecimento, julgados sem qualquer importância, à margem, até mesmo, dos interesses dos EUA na América Latina.

O Brasil soube sempre, ao longo de sua História, participar da política mundial. Como exemplo maior, lembremos que nas duas guerras mundiais deste século estivemos presentes. Na segunda, mandamos um corpo expedicionário que teve uma participação simbólica, mas efetiva, e de grande bravura.

Alguns setores argentinos, na Guerra do Golfo, justificaram a ida de dois navios de guerra para a zona de combate, seguindo o exemplo brasileiro, como uma necessidade de inserir o seu país numa força mundial e com isso garantir uma presença. Presença que, no Continente, em outros episódios do gênero, somente o Brasil havia assegurado com proveito. Nesse conflito, tivemos uma posição ridícula, de avanços e recuos, e saímos muito mal.

É verdade que os nossos males internos, os problemas que tivemos com a questão da dívida, o nosso fracasso na área econômica, tudo em conjunto suscitou um clima de desconfiança internacional em relação ao Brasil. Mas, depois da queda do Muro de Berlim, do fim das ideologias, na nova situação internacional, o Brasil precisa redefinir sua estratégia.

Não é possível deixarmos países que não têm nem de longe nossa potencialidade passar a nossa frente e disputar conosco posições de privilégio. Também seria um erro, por parte dos Estados Unidos, desconhecer a importância do Brasil, que está atravessando dificuldades conjunturais, das quais vai sair.

Sou daqueles que acreditam que a vitória dos democratas abre uma boa perspectiva para a América Latina. A retórica republicana foi uma retórica de pressão. Bush nunca teve, nem Reagan, qualquer desejo maior de ver o nosso Continente como parte de sua política mundial. Aqui ele só pensava em Cuba, problemas de Cuba e via em tudo exportação da revolução e, depois, entrou nos problemas do Panamá e da Nicarágua.

As declarações de Clinton, procurando vincular a sorte da economia americana à nossa, é positiva. Que disse ele? "Se eles (América Latina) tivessem os níveis de desenvolvimento de 72, nós teríamos déficit comercial e taxa de desemprego menores." E acrescentou: "Eu espero ser mais agressivo. Eu acho que uma importante parte do nosso futuro econômico está em construir um forte acordo de mão dupla com a América Latina."

A tese é boa e nos vincula a interesses comuns. É uma nova visão e nova linguagem que deve continuar. Agora, temos a lamentar que o Brasil não tenha sido citado. É a síndrome de um Brasil que não está contando. O episódio Collor ainda nos causa grande mal. A vergonha nacional que atravessamos ainda nos submete a cuidados. É lamentável. Mas não pode ser paralisante.

O importante é, como disse, sentarmos à mesa, olharmos para frente e abandonar o jogo da margarida, isto é, pegar a flor de nossas relações e começar e arrancar pétalas, dizendo "bem me quer", "mal me quer". Cara feia para lá e sorriso para cá.

Uma agenda positiva. Relações maduras e cooperação estreita, é tudo o que necessitamos e devemos fazer.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.